BOLETIM DE INFORMAÇÕES DE

A CLASSE OPERARIA

Nº 16 Julho de 1967 1307 m.12 Ano II

VINCULAR-SE ÀS MASSAS

A linha política do Partido Comunista tem origem nos interêsses mais profundos e vitais do povo e só se transforma em realidade com o seu apoio. A fôrça e a invencibilidade dos comunistas residem justamente em seu estreito contato com as massas, em sua aptidão de mobilizá-las e orientá-las.

Nas condições atuais de nosso país existem grandes possibilidades para os comunistas se ligarem às massas. O descontentamento lavra em todos os setôres da população. A situação dos trabalhadores das cidades e do campo, que já era difícil antes do golpe de abril, tornou-se ainda mais grave nestes três anos de ditadura militar. A política da reação está voltada para impedir, por todos os meios, as ações populares. Mas se os comunistas souberem levantar de modo correto as reivindicações das massas e preparar suas lutas nada poderá deter a eclosão de movimentos de envergadura.

Cada organização do Partido e cada comunista devem prestar a maior atenção às aspirações sentidas dasm massas. Precisam dirigir sua atividade particularmente para a classe operária e os camponeses. Estudando, junto aos trabalhadores, suas necessidades mais prementes, debatendo com êles a melhor maneira de organizar sua luta, é possível desencadear greves e outras manifestações reivindicatórias ou de protesto. Uma greve realizada com êxito numa ou em várias emprêsas, repercutirá entre os trabalhadores de todo o país e servirá de estímulo a novas ações.

Esta é uma das formas de aumentar a confiança das massas em suas próprias fôrças e de elevar sua combatividade. A idéia de que a luta pelos interêsses imediatos das massas é reformismo e de que ùnicamente a luta armada tem caráter revolucionário, não pode ser aceita pelos comunistas. Indiscutìvelmente, o povo brasileiro só poderá livrar-se, em definitivo, da ditadura e de seus inimigos através da luta armada. Por essa razão, a guerra popular constitui o centro de preocupações do Partido. Mas a luta de massas e a guerra popular não se contradizem, ao contrário, se combinam. A luta de massas contribui para o desencadeamento da guerra popular. Esta, por sua vez, é a luta de massas em nível mais alto.

Ligar-se às massas, organizar suas lutas em diferentes níveis, difundir as palavras-de-ordem e aplicar a linha do Partido são tarefas permanentes dos comunistas, as quais assumem, na hora presente, significação decisiva.

LEIA:

Posição de Principios

No curso da realização da reunião da OLAS, em Havana, o sr. A. Palhano, falando pelo rádio e pela televisão daquela cidade, declarou que o PC do Brasil fôra excluído da reunião continental porque "atacara a Revolução Cubana". Tal declaração não passa de engôdo. O PC do Brasil não foi excluído daquela reunião pelo simples fato de que jamais desejou dela participar e se fôsse convidado não enviaria seus representantes. Não passa também de deslavada mentira a afirmação de que o Partido atacou a Revolução Cubana.

O PC do Brasil, em mais de uma oportunidade, manifestou-se favorável a encontros ou conferências de revolucionários de diferentes países. A luta contra o inimigo comum – o imperialismo norte-americano – exige a coordenação de esforços de todos os que realmente lutam contra êle. Mas não está de acôrdo em tomar parte de reuniões internacionais onde se fazem representar revolucionários honestos e oportunistas da pior espécie. Na assembléia da OLAS, em que pese o radicalismo da linguagem de muitos delegados, encontravam-se representações de vários partidos revisionistas do Continente e conhecidos aventureiros políticos. O partido de Prestes também foi convidado e se lá não estêve é porque não quís. O sr. Palhano, agora fantasiado de revolucionário, caracterizou-se no período anterior ao golpe como um dos mais destacados pelegos do movimento sindical. Após a quartelada de abril, procurou, pressurosamente, uma embaixada e, em seguida, rumou para Cuba, onde vive há quase quatro anos, cômodamente, a falar em revolução...

No que se refere à Revolução Cubana, a posição do PC do Brasil sempre foi de solidariedade e de apoio firme. Esta posição vem sendo tomada desinteressadamente desde a sua reorganização em 1962. Nessa época, o partido do sr. Palhano – o PC Brasileiro – sob a batuta dos revisionistas soviéticos, fazia tôda sorte de restrições àquela revolução.

É verdade que o Comitê Central de nosso Partido, em documento público datado de março de 1966, emitiu opinião crítica a respeito de certas posições de Fidel Castro que considera errôneas. E manifestou-se contrário à aplicação mecânica em outros países do Continente dos aspectos particulares da revolução em Cuba. Defendeu, porém, sempre, e sem vacilações, o caminho da luta armada que tornou possível a vitória dos revolucionários cubanos.

Pautando sua conduta pelos superiores interêsses da revolução brasileira e da revolução mundial, o PC do Brasil mantém uma atitude independente, de princípios, não está subordinado a ninguém nem a serviço de ninguém. O que julga contrário aos postulados do marxismo-leninismo e aos ensinamentos da prática revolucionária, o Partido criticará sempre, sem pedir licença a quem quer que seja. Da mesma forma, exaltará as opiniões corretas e tudo que contribua para o fortalecimento e para tornar vitorioso o movimento comunista. Sua condição de organização revolucionária não depende de sua participação nesta ou naquela reunião internacional, mas sim de sua atuação consequente contra o imperialismo norte-americano e a ditadura militar, de sua posição de apoio irrestrito e solidariedade total ao movimento efetivamente revolucionário em todo o mundo.

"Não é acidental que se venha fazendo na América Latina a difusão, cada vez maior, de uma pretensa teoria baseada nas particularidades da Revolução Cubana. Esta doutrina, segundo seus autores, seria uma espécie de marxismo-leninismo para esta parte do Hemisfério. Seus seguidores chamam-na de fidelismo. Mas ela está muito longe, em questões essenciais, de corresponder à verdade científica da grande doutrina do proletariado. Tôda tentativa de aplicar, dogmàticamente, em outros países, o que há de específico naquela revolução só poderá redundar em fracasso. "

(... do CC do PC do Brasil a Fidel Castro)

COMENTÁRIO NACIONAL

REGIME MILITARISTA

Recrudesceram as violências e perseguições contra os democratas e patriotas. Em diferentes Estados, vêm sendo efetuadas centenas de prisões por motivos políticos. Os tribunais militares não cessam de condenar adversários da ditadura. Manifestações de estudantes são violentamente atacadas pela polícia numa demonstração de selvageria própria de fascistas. Pelo simples fato de haver criticado uma figura torva e atrabiliária como Castelo Branco, um jornalista é degredado para Fernando de Noronha. No Triângulo Mineiro encena-se cínica provocação sob o pretêxto da existência de atividades terroristas.

Simultâneamente, reiniciaram-se os processos de cassações de mandatos. Um simples capitão da Polícia do Exército destituiu o prefeito e o vice-prefeito de Nova Iguaçu, no Estado do Rio. Outros alcaides da Baixada Fluminense estão ameaçados de deposição. Militares mobilizam-se para afastar de seu cargo o governador de Mato Grosso. Em várias Assembléias Estaduais estão em curso proposições tendentes à cassação de mandatos de deputados. O mesmo sucede em algumas Câmaras de Vereadores.

Em tudo os militares se intrometem. Impõem sua vontade à nação, espesinhando os mais elementares direitos do homem. Nada respeitam e afrontam acintosamente a consciência democrática do povo. Carascos como o tenente-coronel Mena Barreto, um dos responsáveis diretos pelo assassinato do heróico sargento Manuel Raimundo, foram ostensivamente agraciados com a Ordem do Mérito Militar em recompensa pelo crime que praticaram.

A nação vive, assim, um clima de arbitrariedades e violências comuns às ditaduras mais reacionárias. As tentativas de Costa e Silva de apresentar seu govêrno como o da "normalidade constitucional" caem por terra. O que predomina na direção do país, dentro e fora do govêrno, é o poder despótico dos militares estreitamente ligados aos generais norte-americanos. São êstes militares que governam o Brasil de acôrdo com as diretrizes que emanam de Washington. A recente "visita" dos generais ianques Porter e Alger, que mantiveram íntimo contato com os altos escalões das Fôrças Armadas e realizaram conferências na Escola Superior de Guerra, está relacionada com o recrudescimento da reação no país. Porter e Alger, respectivamente, comandante do setor sul do Exército Norte-americano e presidente da Junta Interamericana de Defesa, foram portadores das exigências do Pentágono e da Casa Branca para acelerar, em nossa terra, as medidas de preparação militar e política, tendo em vista a perspectiva de ampliação da guerra que os Estados Unidos realizam na Ásia.

O povo brasileiro encontra-se em uma situação realmente grave. Não só as dificuldades aumentam para as massas e as perseguições e arbitrariedades crescem, não só os imperialistas norte-americanos estendem as suas garras em todo o território nacional, como também os brasileiros estão cada vez mais ameaçados de serem envolvidos nas aventuras guerreiras dos Estados Unidos. É ilusão pensar que, dentro dos quadros atuais, seja possível resolver, mesmo parcialmente, os problemas que afligem o país. O único caminho é a luta revolucionária.

Importantes setôres da população, particularmente os estudantes, vêm demonstrando combatividade na luta contra a ditadura. Esta luta tem desmascarado o govêrno Costa e Silva e ajudado a despertar as massas. É necessário que outros setôres participem mais ativamente do movimento de combate à ditadura e ao imperialismo ianque, criando as premissas para o desencadeamento da guerra popular que libertará o Brasil de seus opressores.

PANORAMA INTERNACIONAL

Ignominia

A apresentação pelos Estados Unidos e pela Uniaa Soviética, na Conferência de Genebra, do projeto de Tratado de Não Proliferação é mais uma prova do conluio soviético-norte-americano para o domínio do mundo. Desprezando a opinião pública internacional, os revisionistas da URSS não se pejam em aparecer de braço dado com os imperialistas ianques, infames massacradores do povo vietnamita e os piores inimigos da Humanidade. Juntos, os senhores do Cremlin e da Casa Branca, tratam de assegurar o monopólio da energia atômica para seus países em detrimento dos interêsses das demais nações.

Esta ação conjunta dos governos da América do Norte e da União Soviética na chamada Conferência do Desarmamento é consequência das confabulações de Glassboro entre Johnson e Kossiguin. Nesse conciliábulo, realizado a pretêxto de resolver a crise do Oriente Médio, aquêles dois chefes de govêrno chegaram a novos acôrdos para a divisão do mundo em esferas de influência e discutiram medidas contra a China e o movimento de libertação nacional. Uma das questões debatidas foi justamente a de privar as outras nações de produzir energia atômica. Pretendem com isto colocar os demais países, no que se refere a uma questão que diz respeito à defesa nacional e ao desenvolvimento da ciência e da técnica, na dependência exclusiva dos Estados Unidos e da URSS.

É verdade que os povos de todo o mundo reclamam a proscrição completa das armas nucleares. Mas não é êste o objetivo de Johnson e Kossiguin ao apresentar seu projeto de tratado em Genebra. Para ir ao encontro das aspirações da Humanidade, seria necessário um pacto que não só proibisse a fabricação de qualquer tipo de armamento atômico como estabelecesse a destruição total de todos os estoques dessas armas. A hipocrisia dos imperialistas e dos revisionistas é tão grande que exigem dos outros governos que não produzam energia atômica, enquanto êles próprios fabricam incessantemente bombas de hidrogênio e outros engenhos de destruição em massa e aumentam constantemente seus depósitos de armamento nuclear. E se aproveitam disso para atemorizar os povos e fazer chantagens políticas.

A República Popular da China, e também a França, recusaram-se a aderir a êsse tratado. O govêrno de Pequim o considerou, com tôda a razão, como uma gigantesca fraude. Outros países levantaram restrições aos propósitos monopolistas de Moscou e Washington. As massas populares de todos os continentes vêem melhor agora o desenvolvimento da vasta conspiração soviético-norteamericana que, sob a máscara de combate à proliferação das armas atômicas, visa submeter o mundo ao contrôle dos Estados Unidos e da URSS.

Dêste modo, torna-se ainda mais evidente que a luta contra o imperialismo norte-americano é inseparável do desmascaramento completo dos revisionistas soviéticos e do combate irreconciliável a sua política de traição ao socialismo. Fingindo-se de comunistas, os atuais dirigentes da União Soviética aliam-se às fôrças mais retrógradas, atraiçoam os interêsses dos povos soviéticos e opõem-se ao movimento de emancipação das nações oprimidas.

O conluio dos revisionistas com o imperialismo ianque, por mais disfarçado que se apresente, salta à vista de todos e acabará fragorosamente destroçado. Os povos não se deixarão iludir. Levantam suas vozes para protestar contra essa trama sinistra.

ESTRÊLA BRILHANTE DO SOCIALISMO NA EUROPA

(REPRODUZIDO DE NÚMERO ANTERIOR) João Amazonas

Numa Europa reacionária e encharcada de oportunismo, a República Popular da Albânia destaca-se como fortaleza avançada da revolução. O pequeno país às margens do Adriático simboliza, hoje, a honra e as tradições do movimento operário revolucionário europeu que, durante decênios, foi a esperança dos trabalhadores de todo o mundo. Enxovalhado no Velho Continente pelos revisionistas, o marxismo-leninismo refulge com inusitado brilho na nobre e valorosa Albânia. Ali, os comunistas erguem bem alto a gloriosa bandeira vermelha de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

O Partido do Trabalho da Albânia está na primeira fila dos que combatem o imperialismo e o revisionismo contemporâneo. Mal terminara a Segunda Grande Guerra, sua voz fêz-se ouvir para denunciar a traição de Tito e suas tentativas anexionistas. Quando Kruschov, na reunião de Bucareste, em 1960, investiu inopinada e pèrfidamente contra o Partido Comunista da China, os delegados albaneses, sem temer as consequências, desmascararam a indecorosa manobra dos dirigentes soviéticos. Desde então, o PTA não descansou um só momento na luta contra os renegados e tergiversadores do marxismo-leninismo.

No seu V Congresso, em fins do ano passado, o Partido do Trabalho da Albânia reafirmou, mais uma vez, sua posição revolucionária e aprovou importantes medidas para assegurar a construção do socialismo. Aquêle congresso pôs em evidência o grande desenvolvimento alcançado pela Albânia em tôdas as esferas de atividade e revelou um notável crescimento do prestígio internacional do PTA. O informe de Enver Hodja, apresentado ao Congresso, formulou novos conceitos sôbre a situação atual, debateu corajosamente questões que preocupam os revolucionários de todo o mundo e traçou a orientação que deve guiar o povo albanês em seu esfôrço para edificar a nova sociedade. Hodja deu resposta clara a diversos problemas da atualidade e, assim, enriqueceu a doutrina do proletariado.

A acertada direção do PTA possibilitou ao povo albanês conquistar magníficas vitórias. Um país dos mais atrasados, sem indústria nem transportes, sem escolas nem hospitais, com baixo nível de vida, conseguiu, em duas décadas, transformar-se numa nação adiantada e próspera. Para se ter uma idéia do progresso já realizado, basta um rápido confronto da situação no período anterior à II Guerra Mundial com a dos últimos anos. A produção industrial, o volume de mercadorias transportadas por estradas de rodagem e o número de passageiros conduzidos em diferentes veículos, durante o ano de 1938, foram obtidos, em 1965, em onze, seis e três e meio dias, respectivamente. A média de vida humana que era de 38 anos, às vesperas do conflito mundial, atingia 65 anos em 1964. Numa população de cêrca de dois milhões de pessoas, existem presentemente 425 mil estudantes. Em período recente, a Albânia construiu, com a ajuda da China, importantes indústrias. Surgiram novas usinas hidro e termo-elétricas; usinas de adubos químicos e soda cáustica; fábricas de fios de cobre, de papel e de peças de reposição para tratores; refinarias e um grande combinado têxtil. A indústria petrolífera desenvolve-se a passos largos. Jovens geólogos albaneses descobriram jazidas em camadas calcáreas, precisamente nos lugares em que os técnicos soviéticos afirmavam, de má fé, não existir petróleo.

O Partido do Trabalho da Albânia é uma organização revolucionária de assinalados méritos. Seus dirigentes assimilaram profundamente o marxismo-leninismo e aplicam-no de maneira criadora. Tendo em conta o que há de universal na experiência de outros países, souberam captar aquilo que é particular e especificamente nacional na Albânia. A começar pela tomada do Poder e pela criação do Partido, os comunistas albaneses seguiram um caminho próprio. No que se refere à luta armada, foram capazes de interpretar corretamente a realidade do país. Iniciaram-na nas cidades e depois deslocaram-na para o campo, onde tinham melho-

res condições para manobrar ante os ataques do inimigo. Aí se desenvolveu até que as fôrças de libertação adquirissem suficiente poderio para conquistar a vitória final. O Partido formou-se e forjou-se na luta armada. O fato de que, desde sua fundação em 1941, o PTA estêve à frente da guerra libertadora, que terminou em 1945, constitui uma particularidade da Revolução Albanesa.

Hoje, o PTA dirige a edificação do socialismo, tendo sempre presente as características nacionais do país. Dominando o materialismo-dialético, sua direção, encabeçada por Enver Hodja, sempre atuou com independência, sem se prender a dogmas e sem fazer transposições mecânicas. Apoiado no marxismo-leninismo soube repelir as teses oportunistas de Kruschov. Deu prova de capacidade teórica e de espírito de luta, uma vez que estas teses eram defendidas por um partido então considerado modêlo para os revolucionários e que dirigia um poderoso país. O PTA não se submeteu ao bastão-de-mando do PCUS e a Albânia, atacada furiosamente pelos revisionistas soviéticos e pelos reacionários, enfrentou com valentia as dificuldades. Baseando-se nos próprios esforços conquistou remarcados êxitos. A atitude clarividente da direção do PTA grangeou-lhe a admiração e o respeito dos trabalhadores de todo o mundo.

Tal como a República Popular da China, também a Albânia faz a sua revolução ideológica. Esta revolução dimana da necessidade objetiva de vencer os obstáculos que se antepõem à marcha para o socialismo e obedece, de igual modo, às peculiaridades nacionais. Enver Hodja e seus companheiros, desde há muito, vinham-se preocupando com os fenômenos de degenerescências que apareceram em alguns países socialistas e com a possibilidade de que êstes fenômenos pudessem, igualmente, manifestar-se na Albânia. Analisando a atual sociedade albanesa, chegaram a importantes conclusões e estabeleceram princípios para sanar erros e fazer avançar a revolução socialista. Em Carta Aberta, publicada a 4 de março de 1966, o Comitê Central do PTA abordou importantes problemas ideológicos, revelou deficiências e apresentou soluções. Deu início a um processo que visa à revolucionarização da consciência das massas.

Providências foram tomadas para afiançar o estrito respeito aos órgãos do Poder eleitos pelo povo e para garantir a supremacia da Assembléia Popular, a fim de que prevaleça a vontade soberana das massas. É combatida a excessiva e injustificada centralização de funções nas instituições do Estado. Passaram diretamente às mãos do povo atribuições que antes eram da alçada estatal. Assim, por exemplo, o julgamento de atentados à propriedade social não é mais da competência dos tribunais regulares. São as massas, em cada local, que resolvem êstes casos. Dêste modo, além da descentralização, adota-se um método que permite reformar as pessoas que prejudicam o interêsse público e ajuda a educar as grandes massas no espírito do socialismo. O aparelho do Estado deve tornar-se mais simples e menos oneroso. Com êste objetivo, 15 mil funcionários foram liberados de seus cargos e ligados à produção. O Exército não só se prepara meticulosamente para defender o país como também se esforça para auto-abastecer-se, produzindo bens destinados ao próprio consumo. Os salários dos altos funcionários do Estado e do Partido foram reduzidos tendo em vista diminuir, o mais possível, a disparidade existente entre os quadros de direção e os trabalhadores no que se refere à remuneração e às condições de vida. Nas Fôrças Armadas/ instituiu-se uniforme sem as insígnias do pôsto militar. Procurando aproximar mais a cidade do campo e ajudar as populações urbanas a compreender melhor as dificuldades do trabalho rural, foi estabelecida a norma de que todo cidadão deve participar das fainas agrícolas. Em 1966, quase todos os habitantes das cidades passaram 15 dias no campo, auxiliando os camponeses em suas tarefas. Êste ano, o prazo será de várias semanas.

Enver Hodja, no V Congresso, tratou de maneira ampla e profunda as questões relacionadas com a revolução ideológica. Acentuou a necessidade de que a posição proletária de classe deve presidir tôdas as atividades e que é necessário dar combate às concepções burguesas. A luta de classes não se trava sòmente contra a burguesia e seus representantes. Aquêle que pretende ser autêntico revolucionário precisa eliminar de sua mente tudo que é estranho aos interêsses dos trabalhadores. "Nenhuma pessoa - diz Hodja - deve pensar que está livre de qualquer preconceito e que nada tem a combater em si mesmo".

Conclamou, desta maneira, os comunistas e as massas a realizar em suas consciên-
cias a indispensável transformação ideológica para melhor servir ao povo e ao
socialismo. O chefe do PTA profligou o estilo de vida burguês e as tendências
a copiar a moda requintada ou degenerada dos paísesx capitalistas. E sinteti-
zou na palavra-de-ordem "PENSAR, TRABALHAR E VIVER COMO REVOLUCIONÁRIOS! " to-
do o rico e profundo conteúdo da revolução ideológica. Os trabalhadores e a
juventude albanesa têm, assim, a orientá-los elevados objetivos que os ajudarão
a manter-se em vigília contra os hábitos nocivos, a indolência, a acomodação e
o egoísmo mesquinho inerentes às classes exploradoras.

Os fatos têm comprovado o acêrto da orientação geral do Partido do
Trabalho da Albânia. A razão estava a seu lado quando denunciou Tito e Kraschov
e, posteriormente, Brezhnev e Kossiguin como inimigos irreconciliáveis do socia-
lismo. Agora, a mesma razão lhe assiste ao mostrar, no seu V Congresso, o pe-
rigo que representa para a Humanidade a aliança dos revisionistas soviéticos com
o imperialismo norte-americano. Êste perigo se faz sentir de modo particular
na guerra do Vietname. Os soviéticos declaram-se solidários com as vítimas da
agressão estadunidense e, simultâneamente, concertam acordos e ajustes com os
agressores. Tudo fazem, em conluio com os monopolistas ianques, para levar o
povo vietnamita à capitulação. "Não se pode ser amigo e aliado do povo vietna-
mita – como dizem os albaneses – e, ao mesmo tempo, amigo e aliado dos norte-a-
mericanos". Os revisionistas soviéticos chegaram à suprema infâmia de jun-
tar-se aos belicistas de Washington na sórdida campanha antichinesa e na prepa-
ração do ataque militar à China. Atingiram o ápice da traição quando se pro-
puseram a dividir, com os Estados Unidos, o mundo em esferas de influência. Eis
por que os povos revolucionários não podem deixar de aplaudir as pala-
vras do grande líder albanês quando no V Congresso afirmou que "o desmascaramen-
to e a derrota da aliança soviético-norte-americana é hoje uma tarefa de importân-
cia histórica".

Empenhando-se nesta tarefa, o PTA não se limita a simples condenação
do revisionismo contemporâneo e do imperialismo. Propugna um movimento comunis-
ta que se caracterize pelo espírito revolucionário e combativo dos heróicos tem-
pos de Lênin e de Stálin. Seus dirigentes compreendem, em tôda a plenitude, a
necessidade do surgimento e consolidação de autênticos partidos marxistas-leni-
nistas. Sempre confiaram que tais partidos se formariam e nêles depositaram
suas melhores esperanças. Estimularam e estimulam a criação de verdadeiras van
guardas da classe operária e lhes dão todo o apoio político e moral. A presen-
ça no V Congresso de delegados de trinta partidos e organizações marxistas-leni-
nistas dos cinco continentes é um testemunho dêste apoio e a confirmação da jus-
teza de seus pontos-de-vista. Esta atitude face ao movimento operário revolu-
cionário revela a compreensão internacionalista dos dirigentes do PTA. Êles
deram provas de sabedoria ao entrever, no momento em que a situação não estava
claramente definida, que o futuro pertence às novas fôrças revolucionárias, em-
bora débeis e não aos velhos partidos revisionistas que, aparentemente fortes,
estavam fadados ao mais completo fracasso. Hodja, no V Congresso, tornou a de-
clarar: " No crescimento e desenvolvimento dessas fôrças revolucionárias vemos
o único caminho justo para o triunfo do marxismo-leninismo e para a liquidação
do revisionismo".

O Partido Comunista do Brasil será eternamente grato ao apoio que
mereceu dos albaneses. Não esquecerá jamais que nas horas difíceis de sua
reorganização, em 1962, quando era vilmente atacado pelos revisionistas e pe-
los reacionários, incompreendido por muitos, o PTA nêle acreditou e não teve
dúvidas em reconhecê-lo publicamente.

Coerente com o seu espírito internacionalista, o Partido do Traba-
lho da Albânia, ainda no mesmo Congresso, insistiu na necessidade de maior a-
proximação entre os partidos marxistas-leninistas. Não se trata de reviver a
III Internacional, mas de estabelecer sólidos e permanentes vínculos entre as
vanguardas do proletariado de todo o mundo. Os marxistas-leninistas, na opini-
ão do camarada Hodja, "devem fortalecer sua colaboração e sua ação comum, de-
vem elaborar uma linha comum e uma posição comum para as questões mais funda-
mentais, especialmente no que se refere à luta contra o imperialismo e o

revisionismo contemporâneo e às novas alianças concretizadas nas condições reais da atual conjuntura. A situação exige uma tática combativa que ajude, cada dia e cada hora, a nossa estratégia revolucionária, sendo ao mesmo tempo uma tática sábia, prudente, segundo a situação e as circunstâncias em que atua cada Partido". É uma tese da maior importância com a qual o Partido Comunista do Brasil está inteiramente identificado.

Imbuído do mais elevado sentimento revolucionário, o PTA avalia, em tôda a extensão, o papel que desempenha, na época histórica em que vivemos, o Partido Comunista da China e seu grande e acatado líder Mao Tse-tung. A grande nação socialista da Ásia constitui a principal e a mais poderosa base de apoio da revolução e da luta emancipadora dos povos oprimidos. Os belicistas ianques, em combinação com os revisionistas soviéticos, preparam ativamente a agressão à China e contra ela desenvolvem a mais torpe campanha. Êste é um dos motivos por que os comunistas albaneses colocam como dever precípuo de todo revolucionário travar a luta em três direções: combater o imperialismo norte-americano, desmascarar até o fim os revisionistas e defender resolutamente a China Popular.

A amizade sino-albanesa é um exemplo de solidariedade indestrutível. As relações fraternais e de ajuda mútua entre a China e a Albânia não têm precedentes na vida dos povos. Aplicando realmente os princípios do internacionalismo proletário, a China contribui desinteressadamente para o desenvolvimento da Albânia e para torná-la mais forte. Por sua vêz, a Albânia, impàvidamente, desfralda no Velho Continente a bandeira de defesa da China contra as investidas dos imperialistas estadunidenses e dos revisionistas da URSS. O camarada Enver Hodja, no V Congresso do PTA, proclamou que "apoiar a China Popular e salvaguardá-la da invasão dos imperialistas e seus lacaios, os revisionistas, é uma tarefa histórica e uma questão de vida ou morte para tôdas as fôrças e povos revolucionários amantes da liberdade". E destacou com grande ênfase: "Nosso povo, nosso Partido e nosso Govêrno marcham juntos com o grande povo chinês e o grande Partido Comunista da China ao longo do caminho revolucionário e com êles permanecerão sempre unidos, avançando, ombro a ombro, quer nos dias de paz ou de grandes tormentas, na luta contra o imperialismo e o revisionismo contemporâneo, pela vitória da revolução e do socialismo".

A Albânia ocupa posição de vanguarda na luta pela emancipação nacional e social dos povos. Seus dirigentes revelam-se homens capazes, autênticos marxistas-leninistas. São pessoas simples e modestas, estreitamente ligadas às massas. À frente do PTA, Enver Hodja tem-se mostrado um revolucionário íntegro, um líder provado e corajoso, dedicado de corpo e alma à causa do comunismo. Apreciável tem sido a sua contribuição, teórica e prática, ao movimento operário e democrático mundial.

O Partido Comunista do Brasil muito tem a aprender com o Partido do Trabalho da Albânia. Estreitar cada vez mais os laços de amizade entre os comunistas brasileiros e albaneses significa avançar no caminho da revolução. Torna-se um imperativo para todos os que almejam livrar a humanidade dos grilhões do imperialismo apoiar e defender a Albânia, também base de apoio do movimento revolucionário mundial.

Firme como um rochedo, a República Popular da Albânia é uma estrêla brilhante do socialismo na Europa que indica aos povos o caminho da libertação.

" O combate às idéias estranhas aos interêsses do proletariado e a defesa intransigente da doutrina de Marx, Engels e Lênin são tarefas das mais importantes do movimento operário mundial. Os revisionistas devem ser desmascarados, isolados e batidos. Sem alcançar êste objetivo é impossível vencer o imperialismo norte-americano e levar adiante a revolução."

... VI Conferência Nacional do

Preparação Militar Contra o Povo

O golpe militar de abril de 1964 enquadrou ainda mais o Brasil nos planos bélicos e expansionistas do imperialismo norte-americano. Nas Fôrças Armadas brasileiras passou a prevalecer a doutrina baseada na premissa de que os Estados Unidos marcham para uma terceira grande guerra. Pondo de lado inteiramente os interêsses nacionais, os militares no Poder decidiram subordinar tôda a vida do país à estratégia norte-americana de domínio mundial. A nova Constituição, as leis de Segurança e de Imprensa, o julgamento de civis por tribunais militares, a perseguição sistemática aos democratas e patriotas são medidas tomadas em função dos objetivos agressivos dos governantes de Washington. Especial atenção vem dando a ditadura militar à transformação das Fôrças Armadas em importante peça da máquina militar do Pentágono.

Nos últimos anos, sob a influência direta dos generais ianques, foi mudada inteiramente a concepção sôbre o papel das Fôrças Armadas brasileiras. Abandonou-se o antigo conceito de defesa da soberania nacional, defesa contra a agressão externa. Na atualidade, vigora a teoria de que a elas incumbe duas missões primordiais: participar ao lado dos Estados Unidos nas guerras de agressão e sufocar os movimentos populares que eclodiram no país. Com isto, os militaristas ianques visam a assegurar a "tranquilidade" do chamado flanco sul do Exército norte-americano e a aumentar os recursos humanos dos Estados Unidos com soldados do Brasil.

Esta dupla missão atribuída pelos imperialistas ianques às Fôrças Armadas brasileiras está implícita no projeto de criação da Fôrça Interamericana de Paz (FIP) e na intensificação dos treinamentos para a luta antiguerrilha. O Brasil já enviou tropas ao Congo, a Suez e a São Domingos. No que se refere ao preparo das Fôrças Armadas para repressão dos movimentos populares, o adestramento assumiu grande intensidade e constitui a principal preocupação dos comandos militares. O sistema básico de treinamento das tropas brasileiras foi profundamente alterado. As manobras militares, que antes tinham como centro a guerra clássica de defesa face à eventualidade de uma agressão externa, agora têm como tema o combate às guerrilhas.

Repetem-se, com frequência cada vez maior, e nos mais diferentes pontos do território nacional, exercícios de luta antiguerrilha, envolvendo os três ramos das Fôrças Armadas. Somente nos dois últimos meses de 1966 e no curso dêste ano realizaram-se inúmeras manobras de preparação da tropa para êste tipo de luta.

No Rio Grande do Sul, nos fins do ano passado, a 2a. Divisão de Cavalaria realizou a denominada Operação Caverá. Estendeu-se por uma área de mais de 35 mil quilômetros quadrados no centro-oeste do Estado. Dela participaram 4 mil homens do III Exército, um grupamento tático de páraquedistas com efetivo de mil homens e esquadrilhas da FAB. O tema da operação era "o cêrco e o aniquilamento de guerrilheiros". O serviço de informações do Exército fêz grande alarde em tôrno da Operação Caverá, procurando impressionar e atemorizar o povo. Mas na verdade, o exercício contra a guerrilha redundou num fracasso. Ao examinar os seus resultados, os comandantes salientaram a lentidão no deslocamento da tropa, constataram a precariedade das comunicações e concluiram que para enfrentar um guerrilheiro seriam necessários de 10 a 15 soldados.

No Nordeste, teve lugar a Operação Graviola. Tratava-se de uma manobra anfíbia: desembarque na ilha de Itapessoca, próxima a Recife. Nela tomaram parte cêrca de mil homens do Corpo de Fuzileiros Navais. A finalidade da manobra consistia no "cêrco de um grupo de guerrilheiros que se dirigia para o litoral". O exercício terminou tragicamente, tendo morrido afogados diversos fuzileiros. Com objetivo inverso ao da operação do Nordeste, reali-

zou-se no triângulo Campo Grande- Sepetiba - Santa Cruz, na Guanabara, manobra visando a "o cêrco de um grupo de guerrilheiros" que teria chegado por via marítima. A fôrça principal dessa manobra foi o Batalhão de Guardas, com um efetivo de perto de mil homens, transportando inclusive artilharia.

O 2º Batalhão de Caçadores também efetuou exercícios antiguerrilhas na região compreendida entre as cidades de Registro e Taquarassu, em São Paulo. No extremo sul do Estado de Mato Grosso, mil e quinhentos homens da 4a. Divisão de Cavalaria, utilizando 200 viaturas, fizeram manobras na região fronteiriça com o Paraguai. Tinha em vista "impedir a entrada no Brasil de guerrilheiros vindo de outros países do Continente". No começo dêste ano, procedeu-se no sul do país a Operação Charrua, abarcando contingentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Objetivava a "proteção de um comboio de abastecimento que, saindo de Caxias do Sul, deveria levar suprimentos a tropas em ação na zona de Joaçaba, em Santa Catarina". Recentemente, na região de Baus, em Mato Grosso, tropas da 9a. Região Militar, contando com o apoio de destacamento da Base Aérea de Campo Grande e de um núcleo da Divisão Aeroterrestre da Guanabara, realizaram a Operação Carrapato. A meta era "destruir uma hipotética base de guerrilheiros". No curso da manobra, seus participantes cometeram uma série de arbitrariedades, prendendo inclusive pacatos moradores da região que se dedicavam à caça e à pesca.

Em todos êsses exercícios ressalta o ódio ao povo. É um adestramento voltado diretamente contra a população. Os militares estudam a melhor maneira de massacrar brasileiros e evidenciam a completa ausência de escrúpulos. Como verdadeiros bandidos, chegam a ponto de anunciar o emprêgo de napalm, uma das armas mais condenáveis. Em treinamento realizado pela FAB na região de Cumbica, em julho dêste ano, aviões da FAB lançaram bombas de napalm de 100 libras, além de foguetes incendiários contra alvos que representavam guerrilheiros ou pequenos núcleos populacionais. Por sua vez, na mesma oportunidade, um capitão do Exército "que se especializou na luta antiguerrilha com os Boinas Verdes" - tropa de choque ianque que vem se celebrizando por sua extrema crueldade no Vietname - instruia os participantes da manobra nas práticas mais selvagens.

Além de todos êstes exercícios antiguerrilhas, muitas outras operações da mesma natureza foram promovidas pelas Polícias Militares dos Estados, particularmente em Minas, Brasília e São Paulo.

A ditadura militar dedica enormes somas à compra de armamentos tendo em vista a guerra contra o povo. Destinou 25 bilhões de cruzeiros velhos para a aquisição de munições, recebeu da Bélgica 50 mil fuzis tipo FAL para serem usados pelo Exército e adquiriu equipamentos para combates noturnos. Encomendou novos helicópteros, centenas de caminhões e outras viaturas. Vieram dos Estados Unidos vários aviões Hércules C-130 para o transporte de tropas. O govêrno está instalando no Ceará uma fábrica de aviões apropriados para a luta antiguerrilha.

Também constitui medida para reprimir os movimentos populares nas cidades e no campo o contrôle direto pelo Exército dos comandos das Polícias Militares. A nova Constituição estabeleceu que os comandantes destas corporações sejam designados pelo Govêrno Federal. Apoiada nesse dispositivo, a ditadura vem nomeando oficiais do Exército, conhecidos pelo seu reacionarismo, para aquelas funções. Numerosos oficiais de polícia vêm sendo preparados em centros norte-americanos, no Panamá ou nos Estados Unidos, para combates de rua e para a luta contra guerrilheiros. A fim de fortalecer o aparelho de repressão, a ditadura determinou o aumento dos efetivos das Polícias Militares. Em Pernambuco, a milícia, em 1964, tinha 3 mil homens e, em 1966, passou a contar com 6 mil e 200. Em São Paulo, no mesmo período, a Fôrça Pública, que somava 32 mil homens, hoje, tem 36 mil. A Brigada Militar do Rio Grande do Sul, atualmente, dispõe de 15 mil soldados.

As Fôrças Armadas, ao mesmo tempo que se preparam para a repressão aos movimentos populares, intensificam o treinamento para ações no exterior. Regimentos especiais são adestrados com o objetivo de a qualquer momento deslocar-se para outros países. O envio de uma fôrça expedicionária a São Domingos

é um exemplo. A Marinha concentra seus exercícios em missões de patrulha e no aperfeiçoamento da técnica anti-submarina. Participa regularmente da chamada Operação Unitas, em conjunto com a Esquadra dos Estados Unidos sob o comando de almirantes norte-americanos.

Assim, as Fôrças Armadas brasileiras vêm desempenhando papel dos mais infames, de algozes do povo brasileiro, a serviço de uma oligarquia reacionária, de interêsses antinacionais e dos salteadores do Pentágono. Por mais intenso, porém, que seja o treinamento antiguerrilha e por mais potente que venha a ser o armamento dessas fôrças, o povo acabará fazendo valer a sua vontade. Enquanto as manobras militares se realizam contra guerrilheiros fictícios, seus planejadores podem conseguir "vitórias tranquilas". Mas quando as guerrilhas tiverem existência real e as massas enveredarem pelo caminho da guerra popular, aí então as coisas serão bem diferentes.

Congresso da UNE

A realização do 29º Congresso da União Nacional de Estudantes, enfrentando enorme aparato policial e provocações de tôda ordem, representou importante acontecimento na luta contra a ditadura. Os congressistas discutiram várias questões referentes tanto ao movimento estudantil quanto à política nacional.

Em seu congresso, os universitários brasileiros atacaram, vigorosamente, o regime militarista, exigiram liberdades para o povo e condenaram com firmeza o imperialismo norte-americano. Apresentaram também reivindicações estudantis como a revogação do acôrdo MEC-USAID, ensino gratuito em todos os níveis, mais verbas para o ensino, direito de livre organização para os estudantes, anulação do decreto que obriga os recém-formados em medicina, farmácia, veterinária e odontologia a fazer estágio nas Fôrças Armadas.

Durante mais de uma semana, o povo brasileiro e, em especial, o da capital de São Paulo, onde se realizou o congresso, manifestou sua simpatia aos estudantes e reprovou a ação atrabiliária dos agentes da ditadura. Diferentes setôres da população, entre os quais numerosos sacerdotes católicos, defenderam o direito dos estudantes de levar a cabo o seu congresso e lhes prestaram tôda ajuda e solidariedade.

O programa aprovado no 29º Congresso da UNE contém reivindicações que expressam os interêsses e os sentimentos da grande maioria dos estudantes, servindo, portanto, de denominador comum para forjar a unidade de ação dos universitários em todo o país.

Após o congresso, foi publicada a chamada Carta da UNE. Neste documento, a par de certas constatações corretas, opiniões e soluções equivocadas e mesmo prejudiciais à luta do povo brasileiro. Defende pontos-de-vista sectários e desligados da realidade. Assim, apresenta como opção na luta contra a ditadura "a construção de um Estado dos trabalhadores". Considera que "a contradição fundamental de nossa sociedade é entre os trabalhadores e camponeses e as classes dominantes sob a hegemonia do imperialismo". E que "a luta fundamental é pelo tomada do Poder e o estabelecimento do Estado dos trabalhadores e camponeses". Estas teses, aparentemente radicais, na verdade em nada ajudam à luta revolucionária.

Sem dúvida, a revolução está na ordem-do-dia em nosso país e todo patriota e democrata deve empenhar-se a fundo para derrubar a ditadura militar que, a serviço dos imperialistas norte-americanos, oprime a Nação. Deve lutar por um nôvo regime, um regime popular revolucionário. Na atual etapa, a revolução brasileira é nacional e democrática. Dela podem participar não sòmente os operários e camponeses, mas também a pequena burguesia, a intelectualidade progressista, a burguesia nacional e outros elementos patriotas. As tarefas a que se propõe esta revolução é livrar o país do jugo imperialista e do domínio das fôrças internas mais

reacionárias. Visa à conquista de um govêrno popular revolucionário. Dirigida pelo proletariado e seu partido de vanguarda, esta revolução, uma vez vitoriosa, abre o caminho para a passagem ao socialismo.

É evidente, que a contradição fundamental da sociedade brasileira nos dias de hoje não é, como proclama a Carta da UNE, entre os trabalhadores e camponeses e as classes dominantes brasileiras. Presentemente, a contradição que precisa ser resolvida é a que se apresenta entre a maioria esmagadora da nação, de um lado, e o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos, de outro. Pretender, como assinala aquêle documento, a conquista imediata de um Estado de trabalhadores e camponeses significa, na prática, entravar a revolução.

Os fatos aí estão para comprovar que inúmeras são as fôrças que, em maior ou menor escala, se opõem ao imperialismo ianque e ao latifúndio e podem ser mobilizadas para a revolução ou, pelo menos, neutralizadas. Ao defender como reivindicação imediata a criação de um Estado ùnicamente de trabalhadores e camponeses, afasta-se da luta importantes setôres da população, dificultando, com isto, enormemente, o avanço do movimento revolucionário. E mais ainda: os trabalhadores e camponeses, em grande parte, sob influência de preconceitos democrático-burgueses, não sentem ainda a necessidade de um regime socialista. Colocam-se, no entanto, contra o atual estado de coisas, opõem-se à ditadura, ao imperialismo e ao latifúndio. No curso da luta e pela própria experiência, livrar-se-ão mais fàcilmente dêsses preconceitos e compreenderão melhor a necessidade do socialismo. O movimento estudantil, também, em sua grande maioria, não luta pela instauração da ditadura do proletariado e sim pela revolução que corresponde à etapa nacional e democrática. Isto mostra o quanto é utópico postular, agora, a criação de um Estado de trabalhadores. Os verdadeiros socialistas compreendem que o caminho para chegar ao socialismo em nosso país passa, inevitàvelmente, pela etapa agrária e antiimperialista. Vencida esta etapa, a revolução ingressará na fase socialista.

Os que desejam efetivamente a revolução e pretendem chegar, numa etapa mais avançada, a um Estado de trabalhadores, hoje, levantam bem alto a bandeira da independência nacional contra o imperialismo norte-americano, a bandeira da luta pelas liberdades, a bandeira da liquidação do sistema do latifúndio. Sob estas bandeiras é que se forjará a união dos patriotas pela independência, o progresso e a liberdade. Assim surgirá e se espraiará por todo o país a guerra popular, único caminho capaz de conduzir o povo à vitória.

Os estudantes brasileiros, pela combatividade revelada em seu congresso, colocar-se-ão, mais e mais, nas primeiras filas das fôrças revolucionárias, sem se desviar do verdadeiro rumo que leva à emancipação nacional e social do nosso povo.

" Mas existe outra espécie de gente que, parecendo não proceder de má fé, descamba para a teoria da "revolução única", entusiasmada pela idéia puramente subjetiva da desejada "vitória de uma só vez de tôdas as revoluções políticas e sociais", sem saber que uma revolução pode ter etapas e que não se pode passar à segunda revolução sem haver completado a primeira. Não existe "vitória de uma só vez"... Esta concepção entrava a marcha da revolução, debilita o esfôrço da tarefa atual e é extremamente perniciosa".

(De A Nova Democracia, Mao Tse-tung, janeiro 1940)